

As anti-arcas de Noé da colonização: o *Diário da navegação*, de Pero Lopes de Sousa

The anti-Noah's Arks of colonization: Pero Lopes de Sousa's *Diário da navegação*

Virgínia Boechat

AgroParisTech
virginiabboechat@gmail.com

Palavras-chave: ecocrítica, literatura de viagens, Martim Afonso de Sousa, Pero Lopes de Sousa, *Diário da Navegação*, colonização da América do Sul.

Keywords: Ecocriticism, Travel literature, Martim Afonso de Sousa, Pero Lopes de Sousa; *Diário da Navegação*, South America colonisation.

1. Adão, Noé, Cristo, a 10 graus de Gêmeos, uma hora antes do por do sol: dos tempos

O *Diário da Navegação* de Pero Lopes de Sousa chega aos dias atuais como documento, mesmo que não seja primário, da expedição marítima comandada por Martim Afonso de Sousa entre 1530 e 1532 às terras situadas a oeste do Atlântico sul. É reconhecidamente baseado em um diário de bordo de autoria de Pero Lopes de Sousa, um dos integrantes da armada e irmão mais novo do capitão (a Martim Afonso o autor chama *Capitão I.*, como abreviação de *Capitão Irmão*). Para além de seu caráter documental, essa relação estruturada em datas¹ chega-nos também como uma complexa obra literária, científica, geográfica, náutica, astronômica, com passagens que fornecem descrições de história natural e de cunho etnográfico. Historicamente a viagem à qual o *Diário* está referenciado é vista como um empreendimento por parte da coroa portuguesa de implantar uma colonização naquele litoral, de fundar vilas e plantações, de coibir a presença francesa e de demarcar sua posse daquela terra (cf. Teixeira da Mota, 1968, p. 10 e 11). É entendida, portanto, como um marco inicial, um ponto de viragem no processo colonial que se estabelecerá sobre a costa atlântica sul-americana.

¹ Estruturada em datas, mas não contínua ou linear, já que tem “erros de datas, saltos de dias” (cf. Abreu, 1940).

Simbolicamente, não seria uma jornada de sobrevivência diante de uma catástrofe iminente no local de origem, nem há recolha de animais a serem preservados em uma travessia. E ao contrário de salvar espécimes, essa jornada, com claro sentido estratégico expansionista e colonial, tem um curioso e avassalador impacto ecológico, amplamente registrado na narrativa. Eis a possível aproximação destes navios a espécies de *anti-arcas de Noé*, barcas que levam a destruição e a morte em vez da salvação ou da redenção.

Como texto integrante do conjunto da literatura de viagens, o *Diário da navegação* reafirma uma peculiaridade de seu subgênero, a indissociabilidade dos seus múltiplos saberes e finalidades. Esta mesma característica intrínseca de tal conjunto é o que atualmente nos impulsiona – ou talvez conduza ou mesmo exija – a lê-lo por vieses interdisciplinares ou transdisciplinares. Isto explica ainda por que através de seus vários níveis científicos e como documento histórico seja capaz de construir e expor também literariamente todo esse fundo simbólico, religioso e cultural determinante. É composto, portanto, como intrincada narrativa por um sujeito dos quinhentos, um homem medieval-renascentista que se pretende objetivo e científico em uma época de transição, plena de misticismo e marcada pela força da Igreja; um homem que é ao mesmo tempo jovem indivíduo de vivência, de técnica e de saber, mas também leitor das vivências, técnicas e saberes dos que escreveram antes dele sobre aquelas paragens. Acerca da presença destes outros textos anteriores, Capistrano de Abreu, no seu prefácio à edição do *Diário da navegação* publicada em 1940 pela Comissão Brasileira dos Centenários Portugueses, afirma que “Nos trinta annos decorridos de Cabral naturalmente fizeram-se roteiros para guia dos navegantes [...]. Vestígios de taes roteiros normativos, contendo as experiencias, não de um mas de varios navegantes revelam-se ao exame attento do «Diário»” (Abreu, 1940). É a partir de algumas confluências presentes em tal obra que começamos a expor de que maneira o impacto ecológico relatado pode tangenciar em diferenças e semelhanças os signos do dilúvio bíblico e sua tradição.

As referências temporais são as primeiras a ressaltar a convergência entre o simbólico-literário e o histórico-testemunhal. Começando pelo fim da estada desta expedição nas terras sul-americanas, temos um exemplo dos mais marcantes, no apontamento de Pero Lopes sobre a data em que parte de São Vicente e dá início aos preparativos de desfecho da sua viagem. Sobrepoem-se então, neste ponto, a Era de Cristo, a Era de Adão, a Era do Dilúvio, o tempo zodiacal e o tempo de ‘rotação do sol’, todos medidos com um perceptível esforço e pretensões de absoluta precisão. Da primeira era, de Cristo, tem-se “Quarta-feira, 22 dias do mês de Maio da era de mil e quinhentos e trinta e dois”. Da segunda, data “da era de Adam de oito mil e quinhentos e 16 e 361 dias”. Da terceira, situa “da era do dilúvio de quatro mil e seiscentos e trinta e quatro anos e noventa e cinco dias”. Na quarta forma de datar, sai do âmbito simbólico bíblico para o astronômico com “estando o sol em dez graos e trinta e dous meúdos de Geminis e a lua em 19 graos de Capricórnio”. A quinta e última contagem aponta que é “ũa hora antes que o Sol se pusesse”. Essas marcações de tempos surgem costuradas em um período linguístico; todas se referem ao mesmo momento e mesma ação: “parti do rio de Sam Vicente” (Sousa, 1968, p. 103). As dimensões

simbólicas que situam a partida de Pero Lopes saltam, assim, aos olhos. Suas interseções com as ações, personagens, tempos e espaços da narrativa são inegáveis: Adão e a saída do Paraíso, Noé como o fim e o começo de ordens de mundo, Cristo como marco inicial e concretização em carne de uma vontade divina, o sol nos dois irmãos zodiacais chamados Gêmeos, o grau dez que é perfeição e completude e o fim de um dia de um sistema de mundo geocêntrico². Ele parte da costa “com o vento noroeste”, também, por sinal, simultaneamente registo da natureza e o *vento sobre as águas* (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002) que abençoa a finalização, sob o olhar de um sujeito que é, assim, no mínimo, simbólico-histórico-religioso-testemunhal-literário-científico.

Marilena Chauí, ao analisar a persistência de elementos de um mito fundador do Brasil na cultura e na identidade brasileiras, aponta a figura da *Ilha Afortunada* como marca prévia a modular o olhar dos viajantes sobre as terras e povos que eles ali encontravam; é desse modo que seriam pré-identificados como espaço e povo *novos e pré-adâmicos*, cujo “achamento” teria sido de determinação divina (Chauí, 2001). Na mesma direção, mas com outros elementos, Ettore Finazzi-Agrò observa a imagem da *ilha*, moduladora de discursos de descoberta, como *figura*, um espaço ao mesmo tempo novo a se adentrar, mas que já estava há muito na memória coletiva (Finazzi-Agrò, 1993). Assim também, desde o seu início, datado de sábado 3 de dezembro de 1530, o *Diário* e seus personagens estão na história e medem os fatos, mas estão também na linhagem simbólica e literária de Adão, de Noé, de Cristo, e ainda de Américo Vespúcio, de Pigafetta, dos viajantes da coleção de viagens de Montalboddo, das muitas outras coleções de viagem que ganhavam espaço nas prensas europeias, dos tratados astronômicos antigos e dos novos roteiros que ensinavam a navegação naquelas águas. São homens a reafirmar a predestinação de sua ascendência e o seu próprio domínio, sobre o espaço, sobre a natureza e sobre outros povos. Porém, os viajantes estão ao mesmo tempo voltados ao esforço de precisão máxima, de observar, de medir, mapear o encontro com o natural e com o outro. Sua construção da América é, portanto, também de duplo caráter, já que, como muito *nova e paradisiaca*, é ao

² Pra além do fato de serem Martim Afonso e Pero Lopes também dois irmãos, trata-se de uma época em que as dimensões científicas e simbólicas encontravam-se complexamente combinadas. Um exemplo disto está na univocidade entre astronomia e astrologia, que formava parte do conhecimento científico e técnico de navegação na época, tanto como medida de tempo quanto como compreensão do universo. No ano anterior à partida da expedição de Martim Afonso e de Pero Lopes para o chamado Novo Mundo, o matemático Pedro Nunes assumia o cargo de Cosmógrafo Real em Portugal. Pedro Nunes foi o tradutor para o português de obras de suma importância para os estudos cosmográfico, geográficos e astronômicos naquele tempo, como o *Tratado da esfera* de Sacrobosco, obra do século XIII d.C., e a *Geografia* de Ptolomeu, do século II a.C.. Ele os publicaria em 1537, ou seja, apenas 5 anos depois do tempo do enunciado do *Diário*. Este matemático seria tradutor de outros estudos e autor de tratados náuticos, e suas publicações se mostrariam de fundamental relevância para o ensino científico português, formando muito do pensamento em vigência naquele tempo. No *Tratado da esfera*, expõe-se um entendimento do universo como geocêntrico, em que a Terra, reconhecida como inegavelmente esférica, é o centro de um sistema e tem como uma de suas esferas orbitais o zodíaco.

mesmo tempo muito antiga, justamente ao ser vista e descrita como muito *nova e paradisíaca*.

2. Terra mais formosa que nunca vi, flores como as de Portugal, fontes de água e mel infinito: dos espaços

Em boa parte da narrativa que se segue ao 31 de janeiro de 1531, data em que a expedição avista a costa nordeste brasileira, a construção da paisagem e a menção a elementos naturais se dão tanto no intuito de registro da natureza e de medições náuticas como em função da recolha de água e outros recursos para a viagem. Ao navegarem próximo à costa nos dias que se seguem, Pero Lopes descreve que “Ao longo do mar eram tudo barreiras vermelhas. A terra é toda chã, cheia de arboredo” (Sousa, 1968, p. 40). Na Baía de Todos os Santos, já em março, descreve que a sua entrada “tem sete, oito braças de fundo, a lugares pedra, a lugares areia [...] Em terra, na ponta do Padram, tomei o sol em 13 graus e um quarto” (p. 47). Acrescenta ali que os principais vieram lhes fazer reverências e dar boas-vindas, assim como trazer muito mantimento, “Aqui estivemos tomando água e lenha” (p. 47). A presença dos espaços e recursos naturais é, portanto, bastante recorrente ao longo do *Diário*.

Suas observações sobre ventos, água, fauna, flora, relevo, assim como certas reviravoltas na narrativa expõem por diversas vezes os níveis simbólicos que formam o pensamento desse sujeito e o do subgênero literário em que se insere. Na quarta-feira, 20 de abril de 1531, quando tentam passar os baixos de Abrolhos em direção ao sul em temporada não propícia a tal travessia, Pero Lopes vai até a nau avariada de Martim Afonso e todos concordam que é melhor dar meia volta rumo à Bahia, então a norte-noroeste em relação a eles. Porém um sinal muda o rumo das decisões: “nos deu ãa trovoadas de lés-noroeste e, como passou, ficou o vento em leste e tomava do nordeste. E o capitão I. tornou a mandar que virás/semos no bordo do sul, e assi fomos até a noite” (p. 54). Apesar desse sinal, que não está diretamente qualificado como natural ou divino no texto do *Diário*, mas que é claramente interpretado como um comunicado para que continuassem em frente na direção sul, o episódio de Abrolhos não termina ainda. A tripulação enfrenta no sábado seguinte um súbito e furioso vento, quando “ventou com tanta força (o qual ainda nesta viagem o nome tínhamos assi visto ventar) que as naos sem velas metiam no bordo por debaixo do mar. Era tamanha a escuridam e relâmpados que era meo-dia e parecia de noite” (p. 55). Leitores de literaturas de viagens podem reconhecer a figuração de obstáculos de travessias marítimas importantes, a fúria monstruosa, a tempestade e a escuridão em pleno dia a serem ultrapassadas pelo herói, com ajuda divina, para que depois alcance seu feito e um local de prêmio. Sobre a segunda-feira seguinte relata: “houvemos vista de terra, a qual era mui alta a maravilha” (p. 56). Talvez seja mesmo possível de se afirmar que cada obra da literatura de viagens é ela mesma e é também muitas outras de seu conjunto.

A relação com a água, paralelamente à noção de ser esta um item de sobrevivência, desvela em crescente uma tópica da narrativa de Pero Lopes sobre o Brasil, mas que já estava presente nos escritos sobre aquele litoral, a do *paraíso*

terreal. Esta tópica, no que se refere às terras brasileiras, têm raízes no paraíso bíblico (espaço antes da queda adâmica e do pecado) mas também na idade do ouro de Hesíodo (em sua exuberante abundância). Na baía do Rio de Janeiro, 30 de abril, descreve que há “montanhas e serras mui altas” e que “As melhores águas há neste rio que podem ser. Aqui estivemos três meses tomando mantimentos pera um ano e pera 400 homens que trazíamos” (p. 59). Essas *melhores águas* vão se revelar cada vez mais significativas durante seu percurso. Na data de 14 de outubro, vemos que tal paraíso, muito perto, começa a tangenciar a imagem de seu próprio país, muito distante, quando descreve que “A terra é mui fermosa: muitos ribeiros de água e muitas ervas e froes como as de Portugal” (p. 67).

Se considerada toda a expedição dos irmãos Sousa pela América do Sul, poucos episódios são tão marcados pelas camadas simbólicas confluentes sob um esforço de objetividade quanto os meses a partir de outubro de 1531, em que estão nas terras do atual Uruguai e parte da Argentina. Isto pode ser percebido sobretudo na excursão parcial de Pero Lopes, com apenas cerca de 30 homens em um bergantim, ou bragantim, pela região em torno do rio da Prata, de novembro a dezembro daquele ano. Historicamente aquela seria uma expedição parcial, sob comando do irmão mais novo, para explorar e demarcar o domínio português com padrões. Mas, mais uma vez, o histórico não pode ali ser isolado das outras camadas, saberes e objetivos. Aos poucos, no *Diário* de Pero Lopes, constrói-se um espaço edênico-áureo, com alimento em abundância, belezas jamais vistas, fontes de água e mel infinitos. Ali, em 24 de novembro daquele ano, afirma “A terra é mais fermosa e aprazível que eu jamais cuidei de ver [...]. Aqui achei um rio grande; ao longo dele tudo arboredo, o mais fermoso que nunca vi” (p. 77), e no dia seguinte acrescenta: “nos podíamos manter com os mantimentos que na terra havia e com o pescado, o mais fermoso e sabosoro que nunca vi. A água já aqui era toda doce, mas o mar era tam grande que me nam podia parecer que era rio [...]. Na terra há muito mel e muito bõ e achávamos tanto que o nam queríamos” (p. 78). Em 26 de novembro reafirma: “e assi me tornei pera o bargantim, com muita caça e mel” (p. 77-80). Em 12 de dezembro confessa que quase se esquecem de voltar, tamanha a beleza da terra: “O ar deste rio é tam bõ que nenhũa carne nem pescado apodrece [...]. A água do rio é mui saborosa: pela manhã é quente e ao meo-dia é muito fria; quanta homem mais bebe, quanto melhor se acha” (p. 86-87).

Nessa expedição parcial ocorre o que pode ser lido como um ponto clímax no enredo do *Diário da navegação*; não à toa também que seja situado na noite da véspera de Natal³; não à toa que a salvação esteja em uma ilha; não à toa que parta da fúria do vento somada ao ataque de uma criatura marinha indefinida:

³ Finazzi-Agrò também menciona, na literatura de viagens, pontos que qualifica como “estranha coincidência temporal”, que modulam discursos também como espécies de *figuras*, como por exemplo o evento que é nomeado como a *descoberta* do Brasil, relatado na *Carta de Caminha*, dar-se na semana de comemoração da Páscoa, época que já era relevante, por exemplo, na *Viagem de São Brandão* (Finazzi-Agrò, 1993, p. 9). Nesta obra do Arcebispo Benedito, que relata a jornada do monge em busca do Paraíso Terreal, o Natal seria comemorado repetidamente na Ilha de Albeu,

Indo ao longo da terra, demos num peixe com o bargantim, [...] e virou o rabo e quebrou a metade da postiča. Foi tam gram pancada que ficámos todos como pasmados [...] Sendo ũa hora de noite, me deo ũa trovoada [...] com tanto vento quanto eu nunca tinha visto, que nam havia home que falasse nem que pudesse abrir a boca. Em um momento nos lançou sobre a ilha das Pedras, e logo se foi o bargantim ao fundo. [...] Ajuntámo-nos todos em ũa pedra, [...] e crescia muito a água, que a ilha era quasi toda coberta, senam um penedo em que todos estávamos confessando uns aos outros [...]. Assi passamos toda esta noite em se todos encomendarem a Deus. Era tamanho o frio que os mais dos homens estavam todos[s]⁴ entanguidos e meos-mortos. (Sousa, 1968, p. 93-94)

Na manhã seguinte a água escoo, salvam-se os homens na vazão das águas; sua técnica de trabalho e a ajuda divina são os vetores para o conserto do barco: “quis Nossa Senhora que surdio o bargantim [...] nom tinha mais que um buraco na táboa do roisbordo, que logo tapámos” (p. 94-95). Mas aquela noite do 25 ainda seria de tempestade, fome e de tripulantes “tam desfigurados do medo que os nam podia conhecer” (p. 95).

3. Em um dia matamos 18 mil peixes: da dominação

Assim como a relação estabelecida do sujeito com a água nessa narrativa, a com os animais também passa pela noção de mantimento. A obtenção de víveres em geral apresenta três estágios ao longo dos dias da expedição: a falta, a sobrevivência e a abundância, que aparecem intercalados ao longo do percurso de maneira desigual, ou seja, com o privilégio do último. Isto porque sendo a paisagem sul-americana construída como paradisíaca – edênica ou áurea – a fartura extraordinária de comida e bebida é necessariamente fator predominante. Como já começamos a expor e é notório a boa parte de seus leitores, a tópica paradisíaca modula não somente a constituição espacial do *Diário*, mas boa parte do conjunto de discursos da literatura de viagens sobre a América do Sul nas primeiras décadas dos quinhentos. Em todo aquele século, porém, a construção desse topos de grande beleza, imensidão de árvores, vastidão de campos, alimentação e água em abundância poderá ainda ser observada nos escritos em língua portuguesa, apesar de passar a dividir os discursos com uma crescente presença das contradições, ambiguidades e terríveis perigos daquela terra⁵. Mesmo no

a Páscoa, na ilha que era o dorso de um peixe, em uma jornada circular no tempo e no espaço, de Brandão e seus companheiros (Benedeit, 2005).

⁴ Acréscimo da edição.

⁵ Esta gradação, não cresce de maneira uniforme, mas pode ser observada, por exemplo, na diferença entre:

a) A inabalável sensação de segurança e de ter chegado a um verdadeiro paraíso, expressa por Caminha e pela narrativa do autor conhecido erroneamente como Piloto Anônimo, ambos em 1500;

b) A sensação de ser aquele um espaço de maravilhas e exotismo, mas com algumas estranhas contradições como a presença de habitantes antropófagos, como na Certidão de Valentim Fernandes (1503);

Diário da navegação, em meio a paisagens plenas de beleza e exuberância natural, esses elementos negativos já terão uma pequena participação, fundamentais para a constituição ali do enredo, peripécias e desfechos.

No jardim do *Gênesis* “Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer”, cercado-o com quatro rios caudalosos, então “tomou o homem e o colocou no jardim de Éden para o cultivar e o guardar” (Bíblia de Jerusalém, 2002). Em *Os trabalhos e os dias*, “espontânea a terra nutriz fruto trazia abundante e generoso” para a raça de ouro (Hesíodo, 2006, p. 29). Pero Lopes menciona, em abril de 1531, em trecho que já apontamos, os cerca de 400 homens da armada que precisam ser alimentados ao longo de toda a expedição pelo continente; no rio da Prata serão apenas em torno de 30 tripulantes a acompanhá-lo. Nos dois momentos, o impacto que a recolha dos abastecimentos traz sobre o espaço natural é em geral muito grande, mas nas passagens pela região da bacia do Prata, para estes escassos 30 indivíduos, o seu ímpeto parece muito desproporcionado e até gigantesco, mostrando-se pleno de significados. Capistrano de Abreu chega a apontar a “fatura inverossímil do pescado”, relatada por Pero Lopes na região do rio da Prata, e a qualificar essas partes da viagem como “desenvolvidas e succulentas” (Abreu, 1940).

Antes de observarmos especificamente a caça e a pesca no episódio da viagem de Pero Lopes e os seus cerca de 30 tripulantes pela bacia do Prata, recuemos a 9 de agosto de 1531, dois dias depois da sua passagem no Atlântico por uma área que avalia ser próxima à foz do rio São Vicente. O autor afirma que ao meio-dia se aproximam de uma ilha, sob enorme nevoeiro, e que ali vão buscar alimento; estabelecem então no local uma enorme matança de aves: “E mandei lançar o batel fora pera ir à ilha matar rabiforcados e alcatrazes, que eram tantos que cobriam a ilha. [...] e matámos tantos rabiforcados e alcatrazes que carregámos o batel deles.” (Sousa, 1968, p. 61) No retorno daquela pequena embarcação, segue-se um fator inusitado, que tangencia o maravilhoso, um pé de vento tão quente que lhe parece fogo e deixa os homens todos com febre. Também na data de quarta-feira, 11 de outubro, rumo ao sul, Pero Lopes aponta alguma recolha de peixes: “Matámos esta noite muitas pescadas” (p. 66). No dia seguinte, as embarcações aproximaram-se de três ilhas de pedras, e curiosamente o minucioso registro das mortes recomeça, desta vez, com a recolha de mamíferos: “donde matámos muitos lobos marinhos” (p. 67). Sobre a segunda feira, 16 de outubro, anota ainda que o capitão mandou ver uma ilha que tinham avistado, “Aqui nesta ilha tomamos água e lenha e fomos com os batéis fazer pescaria e em um dia matámos 18 mil pexes antre corvinas e pescadas e enxovas” (p. 68). Apesar de ser esta uma passagem que antecede a partida do bergantim de Pero Lopes para explorar o rio da Prata, eis um trecho em que já se manifesta em um

c) o espaço de terríveis perigos, muitos inimigos e constante insegurança, como em cartas de colonos na década de 1540, como Luís de Góis;

d) A radical convivência dentro de um mesmo compêndio, de visões extremamente contrárias acerca da terra, ora tida como o verdadeiro paraíso da abundância de frutos, plantas, aves, mamíferos e peixes, ora como um terrível território de perigos inesperados e temor, como na *História da Província de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*, de Gândavo, publicado em 1576.

grau exacerbado a inverossimilhança da quantidade de pescado mencionada por Capistrano de Abreu.

Então Pero Lopes é enviado por Martim Afonso, a partir de novembro de 1531, com seus 30 tripulantes para explorar e colocar padrões no rio da Prata. Em 24 de novembro, justamente sobre a terra que julga a mais formosa e aprazível, atualmente em território uruguaio, registra: “tomamos muita caça” (Sousa, 1968, p. 77). No dia seguinte, dia 25, após perder tais mantimentos, molhados pela chuva, começa a considerar que ele e seus homens podem viver apenas com o fornecido natureza local: “havia muitos veados e caça que tomávamos e ovos de emas e emas pequeninas, que eram mui saborosas” (p. 78). Tendo avistado sete ilhas, vai à menor delas e sobre a tal vista relata: “aqui estive a noite toda fazendo pescaria” (p. 80). Sobre outra destas sete ilhas, no dia seguinte, escreve “matei muito pescado de muitas maneiras. Nenhum era de maneira como o de Portugal: tomávamos peixes de altura de um homem, [...] os mais saborosos do mundo.” (p. 81) No dia 29 de novembro, pela manhã, complementa, “Mandei pôr fogo em três partes dela [da ilha], pera ver se nos acudia gente” (p. 81)⁶. Em 3 de dezembro, subindo o braço de um dos rios da bacia, em terras que também qualifica como muito belas, em meio a ilhas com arvoredos, repara “muitas aves e garças e abatardas [abetardas]; e eram tantas as aves que com paos as matávamos” (p. 83)⁷. No dia seguinte, em duas ilhas a que chegam, acrescenta: “Aqui achei muitos corvos marinhos e matei deles à besta” (p. 83). Em 10 de dezembro adiciona ainda “de noite matamos quatro veados, os maiores que nunca vi” (p. 85). Em 11 de dezembro, relata ainda: “Neste rio há alimárias como raposas, que sempre andam n’água, e matávamos muitas; tem sabor como cabritos” (p. 85). Por fim, no dia 12 de dezembro, comenta sobre as qualidades extraordinárias dos mantimentos daquelas terras do Prata: “ainda que um home coma dez livras de peixe, em nas acabando de comer parece que não comeo nada e tornara a comer outras tantas”, o mesmo tipo de comentário que faz sobre a água local, como já apontamos (p. 86-87). Assim, com essa lista, que reconhecemos ser enorme, mas que não termina por aí, a imagem da embarcação que salva espécies de animais torna-se oposta em sentido a tais naus, caravelas, bergantins e batéis do extermínio, que recolhem, sim, animais, porém mortos. Como uma navegação infundável de São Brandão, vão de ilha em ilha (ou de espaço paradisíaco em espaço paradisíaco) não apenas a levar curiosidade e maravilhamento do olhar mas também a devastação. Essa expedição é, assim, capaz de figurar o próprio signo da colonização, em mais uma prova dos intrincados níveis dessa obra.

Porém, se efetuamos uma leitura mais atenta, a de tal signo das anti-arcas de Noé, perceberemos que as camadas simbólicas podem se mostrar ainda mais complexas e por vezes polissêmicas. Na parte da *Gênesis* dedicada ao dilúvio, no que se refere à nova ordem do mundo estabelecida por Deus após a descida das águas, a determinação divina é muito ligada ao consumo da carne e temor imposto ao animal: “Sede o medo e o pavor de todos os animais da terra e de

⁶ Acréscimo nosso.

⁷ Acréscimo nosso.

todas as aves do céu, como de tudo o que se move na terra e de todos os peixes do mar: eles são entregues nas vossas mãos. Tudo o que se move e possui a vida vos servirá de alimento [...]” (Bíblia de Jerusalém, 2002). Portanto, se essa viagem pode se constituir aos olhos de leitores do século XXI como a chegada de barcas bestiais da perdição ecológica, da catástrofe de ecossistemas, além de uma figuração da imposição, violência, força e genocídios que viriam no processo da colonização, por outro lado, as ações ali narradas na recolha de alimento e água podem ser lidas como simbolicamente condizentes com a determinação de uma ordem de mundo pertencente à linhagem pós-Noé, a linhagem de homens que confirmam o domínio e a hegemonia sobre o natural. Talvez por isso, por esse pensamento, Pero Lopes não hesite em detalhar repetidamente seus êxitos sobre os mamíferos, aves, peixes locais, em discurso que oscila entre a propaganda da superabundância daquele continente e a prova de estabelecimento da força humana sobre a natureza e sobre os outros seres vivos.

Referências bibliográficas

- Abreu, C. Prefácio a Sousa, Pero Lopes de (1940). *Diário da Navegação, 1530-1532* (V. I. 2 ed.). Rio de Janeiro: Comissão Brasileira dos Centenários Portugueses.
- Benedeit (2005). *A viagem de São Brandão*. Trad. e pref. José Domingos Morais. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Bíblia de Jerusalém (2002). São Paulo: Paulus Editora.
- Chauí, M. (2001). *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária* (2ª reimp.). Unijales.
- Finazzi-Agrò, E. (1993). A invenção da ilha. *Tópica Literária e topológica imaginária na descoberta do Brasil. Rascunhos de História*, 5, PUC-Rio.
- Hesíodo (2006). *Os trabalhos e os dias*. Trad. Mary de Camargo Neves Lafer. 6a reimp. São Paulo: Iluminuras.
- Sousa, P. L. (1968). *Diário da Navegação de Pero Lopes de Sousa (1530-1532)*. Lisboa: Agência-Geral do Ultramar.
- Teixeira da Mota (1968). Prefácio a Sousa, Pero Lopes de (1968). *Diário da Navegação de Pero Lopes de Sousa (1530-1532)*. Lisboa: Agência-Geral do Ultramar.

Resumo

A relação de viagem intitulada *Diário da navegação* chega-nos como importante documento da expedição de Martim Afonso de Sousa pela América do Sul entre 1530-1532, mesmo que não seja uma fonte primária. Essa narrativa é baseada provavelmente em um diário preexistente escrito por Pero Lopes de Sousa, irmão mais jovem do capitão e um navegador experimentado em geografia, astronomia e técnicas de navegação. A obra nos apresenta as aventuras e as belezas experimentadas por eles em paisagens exuberantes, plenas de rios e de ecossistemas muito ricos, mas também nos relata em detalhes a massiva destruição natural causada por eles mesmos na sua busca por alimentos. Este estudo procura demonstrar que tais embarcações podem ser interpretadas como anti-arcas de Noé, na medida em que levam devastação à natureza local em vez de preservação. Mas mesmo esta relação pode se mostrar mais complexa do que o esperado.

Abstract

The travel report called *Diário da navegação* is an important historical document about Martim Afonso de Sousa's expedition to South America in 1530-1532, even if it is not a primary source. The narrative is probably based on a previous diary written by Pero Lopes de Sousa, the

captain's youngest brother and an experimented navigator, with a large knowledge in geography, astronomy and navigation technics. It presents us the adventures and beauties experienced in superb landscapes, full of rivers and very rich ecosystems. But it also tells us in details about the massive destruction of nature caused by them on their search for food. This essay demonstrates that their ships can be interpreted as Noah's anti-arcs, as they bring natural devastation instead of preservation. But even this opposition can be much more complex than we expect.